

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

[NdT: O pesquisador Milton Guran anotou no alto da página: “Entrevista Foto”]

MILTON GURAN - Estamos no dia 12 de fevereiro de 1996, em Porto Novo, na casa de Madame Patterson, em companhia de Francis de Almeida, sobre a foto com o Chachá e o rei de Abomé. Isso vos dá uma impressão?

¹FRANCIS D'ALMEIDA - Considerando que tradicionalmente ele é o alter ego do rei, ele não pode se ajoelhar diante de um rei. Estou me perguntando se ele não se ajoelhou simplesmente para fazer aliança e esquecer o passado, porque um de seus ancestrais foi preso e executado. Por que ele se colocou de joelhos diante do rei que o colocou lá? Será ignorância ou o quê? Depois da morte do Chachá Norberto de Souza, não teve entronização tão solene como essa de Honoré. Nós não tínhamos nascido quando Norberto foi entronizado. Sua designação foi uma grande reunião segundo o que eu ouvi falar. Não foi no chute. Foi por via eleitoral. O eleitorado consistia em todos os filhos, os netos de Chachá, que seja menina ou menino. É assim que meu tio, do qual eu te mostrei a foto, Léopold de Medeiros, e meu pai Cesário, participaram ativamente e foram aqueles que desejaram que Norberto fosse eleito Chachá. Então, foi por voto, foi quase um plebiscito. Tinha outro concorrente, Philippe de Souza. Mas na família De Souza tem afinidades. Preferimos uns a outros, segundo sua educação, seu comportamento em família. É assim que Norberto, que foi o pai de Marcelin e de Prosper de Souza foi eleito. Eu não posso dizer nada sobre sua entronização. Mas nós sabemos na família que foi Chachá I, Dom Francisco de Souza, que fez instalar Guêzo sobre o trono do Daomé, para destronar Adandozan. Eu não vejo como um bisneto rei de Chachá se ajoelha diante de um bisneto de Guêzo, ele é seu alter ego. Eu posso lhe fazer uma visita de cortesia antes da entronização, mas...

MG - Eu vou mostrar aos ministros do rei de Abomé para perguntar o que se passa. Eu mostrei a foto ao senhor Noel de Souza e ele disse que é porque ele não era ainda Chachá, porque ele era somente o chefe de família Souza. A partir do momento que ele torna-se Chachá ele não se ajoelha mais. Essa é a explicação dele. Todo o mundo não diz isso. Ele é o alter ego do rei e é o chefe da família Souza, como Agobi Agbo é o chefe da família real.

FA - Mas ele já estava eleito. Mas eu, eu cheguei em Abomé, eu não tirei jamais os sapatos, mesmo quando eu estava diante de Sagbodjou. Ele me recebia como uma princesa, nós somos o alter ego do rei de Abomé.

¹¹ O pesquisador anotou na margem esquerda, na altura dessa frase que se inicia: Ph1; o que pode ser photo 1 ou foto 1.

MG - E as princesas não se descalçam jamais, e a senhor é brasileira.

FA - Aliás, o nome que nos dão, cantando, nos louvores é *Awoumènou*, as pessoas vestidas.

MG - Isso é fom?

FA - Sim, fom.

MG - Dê-me um pouco de louvores.

FA - Os fom dizem: *Awouménou*, então acrescentam os louvores de cada lugar.

MG - Vosso louvor, por exemplo.

FA - Entre os Medeiros: Eu sou mulher, não tenho ramo familiar.

MG - Mas como, a senhora fica no vazio?

FA - Não, nós representamos, mesmo assim, alguma coisa. Nós somos da linhagem de nossa avó.

MG - As pessoas dizem a corte de Singbomey. É a senhora Patterson que nos permitiu usar isso.

FP - Não, não é verdade. Ele me o arrancaram. Isso faz parte dessa construção.

MG - Eles queriam destruir a grande construção em ângulo com o quarto de Chachá

FP - Sim.

MG - Não, eles não podem.

FP - O senhor sabe, nós a chamamos de salão de festas.

MG - Por isso. Isso vem de Chachá.

FP - Foi ele mesmo quem construiu, porque ele queria fazer uma festa.

MG - O louvor dos Medeiros.

FP - É em iorubá.

MG - Diga-o.

FP - *Omou agouda dje se ti yon*

Omo alakpa kudja

Alakpa mon die Le gbogbo mon Che sefe

Temi loyba, temi logba

Gogo titi Aron

Azin Xa do gan rou ta².

MG - E a tradução

FP - A criança dos senhores e mestres, ele é tão bonito que suas maneiras o fazem admirar por todas as moças. Quando ele vai se banhar na lagoa, todas as meninas lhe estendem seus sabões e dizem: Pegue meu sabão! Pegue meu sabão! Nós somos sua corte, o filho daquele que anuncia o despertar da manhã.³

MG - De onde veio o primeiro Medeiros?

FP - De Portugal.

MG - A partir de...

FP - Dom Charles (Funchal?).

MG - Então ele não passou pelo Brasil.

FP - Não.

MG - Ele chegou por volta de quando, o primeiro Medeiros

FP - Eu vou dar ao senhor uma coisa.

MG - O ancestral da senhora, o fundador de vossa família aqui.

FP - É meu avô.

MG - Francisco José de Medeiros.

FP - Sim.

MG - Não tenho meus óculos.

FP - Eu vou ler para o senhor isso. Ele nasceu em 28 de junho de 1817, em ???⁴ Charles, em Portugal. Ele veio para Uidá em 15 de julho de 1875.

MG - Não, ele morreu nessa data de 1875.

FP - Isso faz sessenta anos. Preciso ver a certidão de nascimento da minha tia.

MG - Não, assim temos uma ideia.

² A caligrafia não está totalmente correta, pois se trata da língua iorubá, que tem letras como o “c” ao contrário, que aqui foi grafado com “a”.

³ Todo o louvor, em iorubá e português foi destacado pelo pesquisador Milton Guran com um traço vertical, com a anotação: “Louvores Medeiros iorubá”.

⁴ Pontos de interrogação no manuscrito.

FA - Veja isso, Francisca ???⁵

MG - Madame Patterson, vamos encontrar um momento para isso.

FP - Esses são os filhos, nós queremos fazer a genealogia.

(ele morreu em Uidá, mas foi enterrado em Aguê)

MG - Eu tirei uma foto do túmulo dele.

FP - Ele foi enterrado em Aguê, porque, depois de sua morte, as pessoas de Abomé vieram “limpar” a casa. Eles roubaram tudo.

MG - Precisamos encontrar um momento para achar a família Medeiros. Mas, será que a senhora já ouviu falar de Eugène Medeiros.

FP - É meu tio.

MG - O irmão de vosso pai.

FP - Era o último [filho] de Francisco José.

MG - E Agoï Medeiros?

FP - Agovi.

MG - Era um jovem escravo dos Medeiros, e ele se apresenta com o sobrenome Medeiros. Eugène fez um processo contra ele no gabinete do governador, dizendo que ele não tinha o direito de usar o sobrenome. Mas o senhor não conhece essa história?

FP - O governador Foun⁶ tinha raiva da família Medeiros. Ele até os impediu de usar ???⁷ os dois ???⁸ Eles até fizeram um processo contra ele, que ele ganhou, aliás. Não foi um processo do governo francês, mas ele era comerciante e seus fornecedores tentaram um processo contra ele. Como eles fizeram com várias famílias de brasileiros.

MG - Era em que época? No começo do século?

FP - Sim.

MG - Vamos achar isso.

FP - É Agoï, mas eu nunca ouvi falar disso.

MG - Eu encontrei uma referência e me disse que era importante. Passemos a segunda foto, que mostra Chachá de pé, ao lado da sala de Dom Francisco, do lado temos Marcelin e as mulheres que têm as mãos estendidas.

⁵ Idem.

⁶ Em outras entrevistas o nome desse governador aparece como Faune.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

FP - Isso significa a fidelidade à Chachá. Essas são as *Tassinou*⁹.

MG - As *Tassinou* são mulheres que nasceram com o sobrenome Souza?

FP - Isso depende da linhagem delas. Se eu não estivesse em desacordo com eles, eles teriam me pedido para lhes dar uma *Tassinou*. Os De Souza queriam me instalar *Tassinou* no lugar de minha avó.

MG - Por quê?

FP - Visto a minha educação.

MG - Qual é o papel da *Tassinou*, religioso?

FP - São as *Tassinou* que presidem as cerimônias de batismo das criancinhas.

MG - Batismo católico?

FP - Tradicional.

MG - Como isso se faz?

FP - Isso praticamente acabou. Não tinha padres. E como a primeira mulher de Chachá era mina, faziam o batismo tradicional, que consistia a tirar a criança e a mãe do quarto do parto, do lugar onde o bebê tinha nascido, oito dias depois o tiramos para apresentar à família. E nós o mostramos ao Sol, e tem uma folha específica, Afla, na água, e o carvão, para purificar, despossuir. Se é uma menina, então são sete vezes que a *Tassinou* joga água para o teto e a água cai sobre a criança. Fazemos Ablo com ovos e óleo de palma refinado. O primeiro que fazemos é branco, e damos à mamãe e ao filho, é sem sal.

MG - E por que como católicos vocês fazem isso? Não é pagão?

FP - Não é só isso. Tem o casamento. O dote. É preciso dos *colas*¹⁰, para a adivinhação, como o Fá¹¹.

MG - Qual é o nome?

FP - *Ena da vi, vidida*. Depois...

MG - E o casamento?

FP - *Agbanina*.

MG - E nas mortes?

⁹ Termo em língua africana; são as tias mais velhas da família.

¹⁰ Termo africano.

¹¹ Oráculo utilizado pelos fom do Daomé.

FP - Sim, presidimos, mas isso não é categórico. Tem uns que são destinados por nascimento.

MG - Tem *Tassinous* para a morte, outras para o casamento e outras para o nascimento?

FP - Sim. Casamento e nascimento estão juntos.

MG - Aquelas que se ocupam dos batizados se ocupam...

FP - Dos casamentos.

MG - Elas podem se ocupar dos dois.

FP - Sim.

MG - O que eu não entendo é vossa educação cristã e isso aí. É o fetichismo.

FP - Tem uma coisa que diferencia os afro-brasileiros daqueles do Brasil. No Brasil, associam os dois. Segundo a educação francesa, os padres fizeram uma grande separação. E é difícil para aquele que tem certo nível fazer a cerimônia tradicional.

MG - Por exemplo, se colocar de joelhos. Meu avô dizia que ele só se colocava de joelhos diante de Deus e de sua mamãe. Disseram que a primeira padaria de Porto Novo, em 1920, era de um Da Silva, do lado do porto, ele fazia pão para os franceses e os agudás.

FP - Não era Da Silva, era Marcos.

MG - Onde ficava?

FP - Nos arquivos o senhor verá que tinham dois que faziam pão. Tinha minha avó e Tovalou Quenum. O pão era para as forças armadas.

MG - E o pão era feito somente para os franceses e os agudás. Os gom¹² não tinham o direito de comprá-lo.

FP - Não é que eles não tinham o direito, eles não apreciavam o pão. Os agudás estavam assimilados aos franceses, em 29, 45¹³.

MG - É por isso que depois da independência puseram de lado os agudás, porque os consideram como os colonizadores.

FP - Não é uma reflexão, a realidade é essa. Eles se complexaram e entretanto, muitos foram educados pelos agudás. Eles fizeram estudos e o governador Foun tem grande participação nisso porque ele quis explicitamente eliminar os afro-brasileiros católicos,

¹² Gom é o nome de uma etnia e uma língua africana falada em Porto Novo, no Benim.

¹³ Os numerais estão no manuscrito e não se sabe a significação precisa.

porque tinha uma restrição mental ao nível dos filhos deles. Os franceses não queriam aceitar que existisse no país pessoas instruídas como eles. Isso incomodava Founé¹⁴.

MG - Isso era em que época?

FP - Imediatamente no começo da colonização.

MG - 14, 18.

FP - Antes de Foun, tudo ia bem. Os franceses não tinham quadros fora dos afro-brasileiros, que os ajudaram a tomar o Daomé em mãos. Eles foram os primeiros professores, os auxiliares médicos. Passavam de casa em casa para suplicar aos pais que enviassem os filhos para a escola.

MG - Os filhos dos outros?

FP - Sim. Os filhos dos agudás iam à escola dos padres, das freiras. Os padres controlavam a educação. Só muito mais tarde o governo passou a se encarregar da educação.

MG - O governador Foun tomou alguma medida concreta contra os afro-brasileiros?

FP - Ele fez muita coisa para deixar de lado economicamente os afro-brasileiros. Antes de Foun, as pessoas do país se ocupavam do atacado no comércio. Mas o governador Foun pediu aos franceses para se ocuparem do atacado. Então, economicamente, eles ficaram mais fortes do que os autóctones. A partir desse momento, a pauperização começou em algumas grandes famílias.

MG - Foi nessa época que fizeram um processo contra vosso tio?

FP - Sim. Meu tio tinha um coqueiral em Uidá que continua lá. Em certo momento, o governador lhe disse que um dia ele cultivaria com suas mãos, que não haveria mais ninguém para servi-lo. Ele não queria ver os afro-brasileiros que trabalhavam. Eles o incomodavam. Ele era mau. Meu tio enviou o único filho que lhe restava para estudar medicina em Bordeaux. Ele veio aqui, não lhe deram trabalho.

MG - O médico?

FP - Sim. Eu vi isso, eu sofri isso com ele.

MG - Ele não tinha o direito de trabalhar como médico?

FP - Normalmente, o governo francês deveria empregá-lo, mas eles não o recrutaram. Os franceses recusaram que um negro saísse doutor da universidade francesa. Ele veio aqui, não lhe deram trabalho. Infelizmente para ele, ele se casou com uma romana e ele se instalou em Porto Novo, aqui, em 32-33¹⁵, eu o vi e os muçulmanos iam a casa dele. Mas, infelizmente, sua mulher, num acesso de ciúmes – ele fazia a corte a uma mulata e

¹⁴ O parágrafo foi destacado pelo pesquisador Milton Guran com um traço vertical.

¹⁵ Esses números, 32 e 33 podem referir-se a uma data, mas não está preciso.

o surpreenderam, mas ela soube. A mulher dele pediu o divórcio, o pronunciaram a revelia do meu primo. Então, o alijaram de toda a sua instalação. Meu primo saiu em 24, 25. Ele foi engajado em 23 de janeiro de 1942, porque era a guerra, os franceses tinham partido e o enviaram à Natitingou.

MG - Madame Patterson, temos tantas coisas para dizer que fazemos uma digressão. Vamos retomar, a senhora estava dizendo que no tempo do Norberto, a senhora estava aqui e que, se a senhora não estivesse em desacordo, teriam vos pedido...

FP - Uma sobrinha para ser *Tassinou*.

MG - Mas no que a senhora fazia oposição àquele Chachá?

FP - Não era uma oposição ao Chachá, mas era a reação deles ao nosso respeito. Nós, os filhos de Francisca de Souza, quando nos arrancaram o domínio que Chachá tinha dado à sua filha Francisca.

MG - Não foi esse ramo [da família] que arrancou.

FP - Sim.

MG - É o ramo do Julio.

FP - Não.

MG - Não é Prosper.

FP - Não.

MG - Não é Prosper.

FP - Claro, pois que foi ele que nos disse de ir para a casa de nosso pai.

MG - Honoré.

FP - Sim. Era uma grande reunião com seu irmão que devia tornar-se Chachá, [mas] que assassinaram.

MG - Quando foi?

FP - Isso devia ser em 92.

MG - O domínio de Francisca fica em Singbomey.

FP - Sim.

MG - Isso a família sabe, que é um domínio de vocês.

FP - Isso nos foi arrancado.

MG - A senhora foi convidada para a entronização.

FP - Sim. Eles não poderiam não me convidar, mas infelizmente eu tinha uma morte em Aguê.

MG - Era uma coincidência. Então, as *Tassinou* têm as mãos levantadas para os louvores.

FP - Sim, elas estão lendo, prestando juramento.

MG - Vamos passar para a foto 3. Tem Berthe Lenoux, nascida De Souza.

FP - É a irmã mais velha de Honoré.

MG - E a mais velha das *Tassinou*, que coloca a mão na cabeça aqui. O que significa, colocar a mão na cabeça?

FP - Considerando que ela é a mais velha da família, é uma benção, para que o cargo lhe seja leve. Como fazem para os padres.

MG - O gesto é ao mesmo tempo católico e tradicional, como o marabu¹⁶, o fetichista, o *vodunon*¹⁷.

FP- Sim, mas uma pessoa mais jovem que ele não pode fazê-lo, isso tem que ser a irmã mais velha.

MG - Vamos passar à foto 6. São ainda os louvores que elas cantam. Tem alguma coisa que a senhora poderia destacar nessa foto?

FP - Aqui é a festa de Berthe Leroux. Ela é *Tassinou* e toma o lugar de sua mãe.

MG - Ela é *Tassinou*, no mesmo tempo que sua mãe.

FP - Sim, é a linhagem.

MG - A senhora poderia me dizer aqui a linhagem de cada [uma]?

FP - Tem outro lugar onde elas estão mais visíveis.

MG - Vamos chegar lá.

FP - Tem a linhagem de Isidore de Souza.

MG - A foto numero 4, vemos a filha de Berthe Leroux que canta os louvores. Vamos passar para a 6. Berthe Leroux está ajoelhada do lado do tumulo de Chachá.

FP- O senhor sabe que tem um jarro lá. A pedra tumular, foi meu pai que ofereceu ao seu avô.

MG - Isso eu não sabia.

¹⁶ Marabou é um termo que designa o muçulmano que se dedica ao ensino das praticas religiosas.

¹⁷ Vodunon é o sacerdote do templo dos vodus, equivalente ao pai de santo do candomblé brasileiro.

FP - Cantamos isso.

MG - Que canção?

FP - Chamamos meu pai de Yokevi. Eles encomendou a pedra tumular de seu avô, que pediu uma pedra tumular em mármore.

MG - O pai da senhora não era De Souza.

FP - De Medeiros.

MG - E sua mamãe?

FP - Francisca de Souza. Então, tem um jarro aqui, com água.

MG - Não dá para ver na foto.

FP - Então, essa [foto] foi tirada na jarra.

MG - É benta?

FP - Sim. É essa água que ela pega para fazer a reza. Os *colas* não devem estar longe.

MG - O que elas fazem com os *colas*?

FP- Elas jogam os *colas*¹⁸ para ver o lado benéfico e o maléfico.

MG - Eles não fizeram isso.

FP - Não. O senhor ficou lá até o fim?

MG - Sim. Eles não jogaram os *colas*.

FP - É a benção da água. Jogamos água para pedir a paz, a alegria.

MG - É interessante. É o pai da senhora que não tem uma linhagem, porque descender de uma filha que deu a pedra tumular a seu avô. Ele teve 50 filhos meninos e a pedra tumular veio do filho de uma filha, a senhora compreende?

FP - Nossa linhagem era a linhagem dos intelectuais. E nossa bisavó viveu muito próxima do marido.

MG - E o louvor, como é, em fom?

FP - Do avô?

MG - Do pai da senhora, que fala sobre a pedra.

¹⁸ Os *colas* são aparentemente castanhas que são jogadas para fazer a adivinhação do oráculo Ifá, como no jogo de búzios brasileiro.

FP - Yokpevi teve a feliz ocasião para honrar seu avô. Dizemos que os filhos são sempre uma benção. Aquele que não tem filhos é uma tristeza. Os filhos podem a qualquer momento elevar a honra da família.

MG - Assim se diz.

FP - É preciso parecer.

MG - Mas escrevemos um livro.

FP - Eu vou escrever para o senhor.

MG - É o louvor dos Medeiros.

FP - Não, do meu pai, da pedra tumular.

MG - Olhe aqui, não tem noz de cola.

FP - Não, são garrafas.

MG - Têm garrafas, licores.

FP - Quando jogamos a água no chão, damos para todo mundo beber.

MG - Simbolicamente, cerimonialmente.

FP - Depois de ter jogado a água, colocamos o álcool em cima e todo mundo bebe de novo.

MG - E fazemos essa cerimônia em que circunstância? Somente na entronização?

FP - Não, nos casamentos. Tem meninas ou homens que vêm consultar o Ifá¹⁹ e pedem para que eles deem bebida para o ancestral deles.

MG - E eles fazer então, nessa cerimônia aí.

FP - Sim. As *Tassinou* tem um papel importante no que concerne o Ifá.

MG - A senhora também faz a consulta?

FP - Não.

MG - Não é possível, Madame Patterson.

FP - Eu não faço isso. Antes minha mãe fazia, por ocasião dos casamentos, etc.

MG - A mãe da senhora é de que família?

FP - Ela é beninense puro sangue.

¹⁹ Ifá é um oráculo africano, um sistema divinatório chamado de Fa entre os fom, Ifá entre os iorubá e Afa entre os Ewes.

MG - Mina?

FP - Não, fom. Então, ela... Meu avô era o grande padre dos oráculos.

MG - Em que cidade?

FP - Em Uidá, em sua fazenda.

MG - Vossa mãe fazia isso, mas a senhora não pegou o costume.

FP - Não, não peguei o costume.

MG - Porque a senhora morava em Singbomey.

FP - Sim, mas quando tinha alguma coisa séria o chefe da família que é o Mito, pede ao *bokonon*²⁰ de vir.

MG - O Mitô Souza.

FP - Sim, Souza.

MG - E ele fazia o Ifá?

FP - Sim, porque ele é o chefe da família Souza, mas ele é o chefe do bairro Brasil. Então, quando tem uma história, um julgamento ou uma cerimônia, ele consulta o Ifá. Não é dado a todo mundo consultá-lo. É uma cultura.

MG - Sim, eu acho.

FP - Tem pessoas muito avançadas nisso. Quando o senhor pergunta ao rapazinho da esquina, ele conta histórias e pega vosso dinheiro.

MG - Dizem até que o senhor Honoré foi designado pelo Ifá.

FP - Contam histórias. Isso é outra história. É talvez...

MG - Prosper.

FP - O Ifá dele?

MG - Eu não sei. Então, fazemos isso também nos casamentos, damos comida aos ancestrais. É bem comum na família Souza?

FP - Entre os agudás tem uma confusão. Teve casamentos, cada um que chegou trouxe sua cultura.

MG - Eu percebi que a senhora diz afro-brasileiros e não brasileiros.

FP - É o senhor que diz que dizemos isso.

²⁰ *Bokonon* é a designação dada pelo grupo étnico e linguístico fom para babalawo, ou sacerdote iniciado para o culto do Ifá.

MG - No meu trabalho, ok, mas, senão dizemos sempre afro-brasileiros. Há uma dezena de anos, os sociólogos daqui inventaram essa historia de afro-brasileiros. Eles disseram que eles não são nem brasileiros nem beninenses. Eles os designaram de afro-brasileiros. No meu trabalho, todos os agudás são brasileiros. Eu faço um *mea culpa*. Podem chamar a família Souza de família brasileira. Mas os Gomes, os Domingos Martins, são brasileiros. Os Campos. E os Almeida? Da Matha?

FP - Os Da Matha também são brasileiros. Mas essas são famílias que tendem a desaparecer. Se atualmente nós queremos uma família brasileira representativa, é preciso retornar para Uidá.

MG - Os Paraíso são brasileiros também?

FP - Não, eles são retornados do Brasil.

MG - Eles são assimilados. Apesar de os chamarmos de agudás, tem uma diferença.

FP - Sim.

MG - Eles são libertos.

FP - Sim, é isso.

MG - Socialmente, uma menina agudás pode se casar com um liberto?

FP - Sem problema.

MG - Da mesma forma que se casaria com um fom.

FP - Sim. Antes tinha resistência. Mas teve uma evolução social. Todo mundo recebeu instrução, mas não uma educação adequada. É diferente.

MG - Eu soube que quando vocês eram pequenos, quando alguém queria se casar com uma menina brasileira, o pai perguntava – “Mas o que o senhor vai comer essa noite? O senhor vai comer com as mãos ou o quê?”. A senhora ouviu falar disso?

FP - Não somente isso. Isso acontecia entre os Olympio. Diziam – “*O Du na cheese a?*”. “Será que você come queijo, manteiga, tem dinheiro no banco?”. Os jovens caçoavam da gente – “Ah, deixe eles. Esses são filhos de *o du na butter a?* Será que vocês comem manteiga?”.

MG - Em que ano era isso?

FP- 65, pouco depois da independência.

MG - Eu discuti com a senhora Massabodi a respeito das diferenças. Os Almeida têm duas origens. Tem Almeida comerciantes, em Uidá, pouco numerosos, e tem os que são numerosos. Ela, que é do ramo dos libertos, ela disse que teve uma conversa com uma dama que era Almeida. Diante da mulher, ela perguntou o ramo de sua família, para estabelecer uma ligação. E a mulher, que certamente vinha de uma doméstica dos

Almeida, ela disse: “Madame, quando a família fica muito tempo no sabão, ela faz espuma como sabão”. A senhora sabe que tem dois grupos de *bourian* aqui em Porto Novo? Dizem também que tem três, que os Da Silva têm um, mas não é verdade.

FP - ???²¹

MG - É muito importante. Karin não tem um grupo, tem as fantasias e os instrumentos, mas não tem pessoas. Ou tem pessoas?

FP - Tem gente, nas pessoas de Gonzalo, Sabino.

MG - Que Gonzalo? Aquele jovem?

FP - As meninas que tem lá são Monteiro.

MG - Mas elas não fazem um grupo de *bourian*.

FP - Elas fazem pressão.

MG - Elas não brincam. Mas o grupo de *bourian* é o grupo A Estrela de Honra, e o grupo do Amaral.

FP - Não, Sabino. É o Sabino que sustenta bastante.

MG - Quem é o Sabino?

FP - Eu não posso dizer ao senhor a história de seu ancestral, eu sei que eles foram interessados pelo Casimiro Almeida que detinha realmente a *bourian* em Porto Novo.

MG - Sabino vem do Casimiro de Almeida, que vem de Aguê.

FP - Aguê, Uidá.

MG - Então, ele tem um grupo de samba.

FP - Sim.

MG - Em que ano?

FP - É velho, desde os anos 30.

MG - E isso até quando?

FP - Até sua morte²². E sua mulher era a tia de Karin. É assim que a mulher, não tendo filhos, um primo de Karin veio ficar com essa tia aí, e tinha a preparação.

MG - E nessa época, os Gonzalo, os Amaral, todos brincavam lá?

²¹ Pontos de interrogação no manuscrito.

²² Ao lado desse parágrafo o pesquisador Milton Guran anotou – “Burian”.

FP - Sim.

MG - E Sabino, com que idade?

FP - Nos 70, 72.²³

MG - É preciso encontrar.

FP - Se o senhor o encontrar, ele vai contar para o Karin.

MG - Isso não me incomoda. Eu não tenho nada contra, nada para... Eu faço uma pesquisa, é tudo para conhecer a história. O treinador²⁴ da Estrela de Honra, o grupo de Gonzalo, é alguém cuja avó era escrava dos Souza. O cara se chama senhor Bedi. Ele fez a *bourian* em Uidá primeiro, em Cotonou, e depois aqui, há três anos. Pediram a ele de ensiná-los. E ele conhece tudo de *bourian*, as canções portuguesas, a tradução, as histórias, ele conhece tudo. Ele disse que em 50, tinha um francês, vindo do Brasil, que estava decepcionado porque aqui não tinha grupo de *bourian*, em Cotonu. Eu perguntei o nome e ele esqueceu.

FP - Todo o mundo era tratado da mesma forma, tinha a mesma possibilidade.

MG - Não é bem verdade. Discutindo com o senhor Noël, ele disse de Karin que ele não é brasileiro, ele é liberto, então, tem uma diferença.

FP - Eu vou dizer o porquê. É o que eu critico. Tem um que o senhor ainda não encontrou. O irmão de Marcelin e de Prosper.

MG - Como ele se chama?

FP - Barthélemy. O que eu critico em minha família, as crianças foram muito focadas sobre as condições econômicas de seu clã, as crianças comiam bem, estavam bem vestidas, mas na escola, ninguém os seguia. É aí que se encontra o passo em falso. A família Souza, salvo Monsenhor Souza, quem pode pretender ter recebido uma educação?

MG - Então, são famílias, grandes proprietários, que vivem dos terrenos, todos os filhos têm uma educação de base, mas não tem um médico, um advogado.

FP - Sim, tem Nicolas de Souza, que morreu em um acidente de avião. Foi ele que criou todo o bairro residencial de Cotonou.

MG - Os anos...

FP - Depois da independência, [19]53, 54, até 58.

MG - Ele era...

²³ Não está claro se 70 e 72 se referem a idade da morte de Sabino ou aos anos 1970 e 1972.

²⁴ No manuscrito está escrito “encadreur”, cuja tradução literal seria “conspirador”, mas parece tratar-se do “entraîneur”, ou treinador.

FP - Ele era engenheiro de trabalhos públicos. Mas não ministro. Ele instalou uma cooperativa de construção. Foi ele que criou a “pata de ganso”²⁵, primeiro, a cerca viva.

MG - Ele é de que ramo?

FP - Eu vou dizer ao senhor. Deve ser Antônio, que está lá próximo da estação. Foi ele que construiu e que demoliu lá. Ele morreu acidentalmente, quando ele foi negociar a zona dos coqueirais, que não é muito longe do aeroporto. Como seus filhos viviam, ele partiu para a França negociar a compra dessa parte, para fazer uma zona residencial, para desenvolver Cotonu. Voltando aqui, ele morreu.

MG - Então, o que a senhora critica em vossa família Souza, mas não aos Medeiros.

FP - Os Medeiros são dispersos, eles não estão aqui.

MG - Mas tem Richard de Medeiros, ele é formado em filosofia, o primeiro.

FP - Mas ele está na França. Ele veio para ensinar, enquanto cooperador francês, mas as pessoas não queriam. Ele ganhava dez vez mais do que... Fizeram com que ele partisse. É normal.

MG - Ele é francês?

FP - Sim, as pessoas tem rancor dele. Tem um Narciso Medeiros, médico, ele assumiu em Dakar. Todo mundo está disperso.

MG - Então, para fazer um balanço do que estamos dizendo, tem agudás e agudás.

FP - Sim.

MG - Mas a aristocracia era pequena, pequena. Aqueles dos libertos fizeram estudos mais elevados, não?

FP - Não podemos dizer isso. É um mal geral dos agudás. Mesmo quando eles vão, o fazem fracassar. No começo da colonização, a maioria dos bem educados eram agudás. Ele chegaram à fazer o máximo que existia no país. Para ir para as escolas, os pais diziam que as crianças fariam o comércio. Essa mentalidade bloqueou muitas coisas aqui durante um momento.

MG - Os anos 30 e 50.

FP - Sim.

MG - Nesse momento que a senhora fez estudos muito elevados.

FP - Sim. A partir de 49, e estava na Europa. O governador tentou eliminar. Eu tenho um irmão que foi licenciado do seu posto de doutor por uma história simples. Ele foi ao

²⁵ No manuscrito está escrito “patte d’oie”, cuja tradução literal é “pata de ganso”, mas pode ser algum tipo de técnica, material ou construção.

batismo de seu sobrinho em Cotonu, e o licenciaram. O delegado de então, que consultaram, disse que os filhos de lá eram muito orgulhosos. Ele teve que ir para a Costa do Marfim.

MG - O *Gari*²⁶ é do Brasil. Os brasileiros são um povo que come o *gari*. O *gari* foi inventado lá.

FP - Em Cuba.

MG - Foi o *gari* que partiu para Cuba. A mandioca mesmo, ela vem da América do Sul. São os índios de lá que ajudaram a fazer o *gari*. ???²⁷ é a folha de tabaco. Madame Patterson, precisamos ver essa foto 3. Tem as *Tassinou* organizadas em linhagens, a senhora disse.

FP - Sim.

MG - Eu quero saber se a senhora conhece as linhagens, a partir disso e posso organizar meu estudo.

FP - Sempre a linhagem do Mitô atual. ???²⁸ de Souza. Hortense de Souza é a linhagem de Isidore de Souza, filha de Dominique de Souza.

MG - Essa aqui é a linhagem Julião.²⁹

FP - Sim.

MG - E a segunda fila

FP - É a linhagem de... Essa senhora aqui é a filha de Jérôme de Souza. Aqui Madeleine de Souza, o ramo de ???³⁰

MG - E essa que tem um lenço branco na cabeça?

FP - Não vejo. Tem alguns que vieram do ramo de Monsenhor de Souza. Tem uma menina que eu não vejo, Cathérine dos Santos, Madame Diderot.

MG - E essa que está do lado?

FP - Eu não a reconheço. Ela está entre os jovens. Essa aqui é Zomai. Ela é da linhagem de José. O senhor tem Robert de Souza. ???³¹

MG - Tem uma regra para a escolha das *Tassinou*? É preciso [uma] de cada linhagem?

FP - Sim.

²⁶ Provavelmente trata-se de uma palavra africana.

²⁷ Pontos de interrogação no manuscrito.

²⁸ Idem.

²⁹ Na margem esquerda está anotado: "Tassinou, linhagem".

³⁰ Pontos de interrogação do manuscrito.

³¹ Idem.

MG - O mesmo número?

FP - Isso depende da linhagem. Mas eu não vejo Cathy.

MG - Mas ela não está nas outras fotos?

FP - Não.

MG - Ah, a pesquisa me mata, eu não posso mais. Agora preciso encontrar esse senhor Sabino que faz a *bourian*.

FP - É o acolito de Karin.

MG - Vamos procurar mais tarde. Vamos passar a ultima foto. Essa aqui não é Générose.

FP - Não, é a irmã do Mitô. Générose é a sobrinha do Mitô.

MG - Bom, chega a foto 7. Mitô está de pé, com sua bengala de Mitô, sua bengala, diante do trono, os elefantes e tudo, ladeado de duas meninas, duas gêmeas, as filhas de Robert de Souza.

FP - Ah, bom.

MG - Sim.

FP - Mas são as irmãs de Madeleine. Eu vou lhe perguntar.

MG - Elas estão de vestido largo, chapéu. Quando a senhora era jovem, a senhora usava isso também?

FP - Sim, Calusa com rendas, bordadas à mão, para sair em linho branco??³²

MG - Vocês dois vão escrever todas as palavras que vocês conhecem [em português brasileiro], é importante para mim. Isso é uma camisa³³. Eu percebi que quando vocês fazem a *bourian*, as mulheres usam vestidos à moda brasileira.

FP - Sim.

MG - Madame Amègan também. A última foto, numero 8. São as meninas que tem pontilhados sobre o corpo. É uma tradição?

FP - É folclórico.

MG - Vou perguntar como escolhem as Tassinous.

³² Idem.

³³ A palavra está escrita em português no manuscrito.